

EXISTE ESPERANÇA. Prédio atual é precário, mas há sinais de mudança para um espaço mais adequado

## Museu enfrenta abandono

Com um rico acervo de fósseis, diretor da instituição ligada à Ufal sonha em reabrir as portas ao público

BLEINE OLIVEIRA  
REPORTER

Há uma luz no fim do túnel, mas ela ainda está muito longe. A popular expressão revela a esperança do diretor do Museu de História Natural da Universidade Federal de Alagoas (MHN/Ufal), biólogo Fábio Henrique Ferreira de Menezes, de que aquele importante espaço de preservação da biodiversidade alagoana possa de fato ser um patrimônio conhecido e defendido pela sociedade.

Fechado ao público desde 2010, o Museu está precariamente instalado no prédio da antiga Faculdade de Odontologia, no bairro do Farol, espaço que divide com a Usina Ciência e o Laboratório de DNA Forense. São unidades da pró-reitoria de Extensão da Ufal, mas que, pela situação em que se encontram, estão recebendo pouca atenção.

A esperança do diretor vem da possibilidade de o Museu ocupar o espaço onde funcionou o antigo Centro de Ciências Biológicas (CCBi). Agora transformado em Instituto de Ciências Biológicas da Saúde (ICBS), o CCBi foi

transferido para o campus A.C. Simões, no Tabuleiro. O histórico prédio, que já sediou a Faculdade de Medicina de Alagoas, está agora desocupado.

"A ocupação daquele espaço ainda está no campo da ideia, mas já iniciamos a discussão sobre essa possibilidade", afirma o professor Fábio Henrique, especialista em educação ambiental e ensino, parecendo satisfeito com os estudos que começam a ser feitos para que o Museu de História Natural caminhe na direção da praça da Faculdade, no Prado.

Essa é mais uma das possibilidades que a direção do MHN vem buscando para sair do apertado corredor onde está instalado. As outras tentativas foram mudar para o prédio da antiga estação ferroviária, no bairro de Jaraguá, ou viabilizar recursos para a construção de um prédio novo, projetado especificamente para servir às suas funções e atribuições.

A burocracia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (BBTU) tem impedido a mudança para Jaraguá. Já o projeto de um prédio

novo exige recursos financeiros que não estão disponíveis.

Embora entenda que o prédio novo é o ideal, mas que esbarra na falta de verba, o diretor se revela esperançoso na mudança para o espaço do antigo CCBi, segundo disse, por perceber na atual gestão da universidade um olhar de mais sensibilidade em relação ao MHN. Neste sentido, ele destaca o apoio que recebeu da vice-reitora, professora-doutora Rachel Almeida Barros, com quem já conversou sobre investimentos no Museu e seus setores.

Desde que a Faculdade de Odontologia subiu para o campus A.C. Simões, o prédio onde funcionou foi sendo ocupado de forma improvisada. Lamentavelmente, ao longo de mais de duas décadas, as gambiarras não foram substituídas pelas obras estruturais necessárias.

"Para que se tenha uma ideia dessa improvisação, basta saber que o setor de pesquisas e análises do Museu está instalado num corredor.

"Nossa maior necessidade é uma ampla reforma, ou então irmos para outro espaço, preparado de acordo com as características do trabalho que realizamos", disse o vice-diretor do Museu, professor-doutor e paleontólogo Jorge Luiz Lopes.



O vice-diretor do museu, Jorge Luiz Lopes, em meio aos fósseis que estão "escondidos" do público

## Falta de estrutura impede exposição de fósseis como o da preguiça gigante

Em meio ao acervo de fósseis minerais e ao que restou dos grandes mamíferos encontrados em várias regiões de Alagoas, como a preguiça gigante que atrai o olhar de quem chega, ele é pródigo em falar do que seria possível fazer em termos de exposição e de preservação do que já foi coletado. "Temos aqui peças que permitem exposições fantásticas. Não fazemos por absoluta falta de estrutura", lamenta Jorge Luiz.

Há cerca de um mês, o Museu teve que enfrentar um incêndio num aparelho de ar-condicionado e que acabou queimando livros e computadores. Por sorte, ressaltou o vice-diretor, o livro de tombo (registro dos bens) não foi atingido. Do contrário, toda a memória do MHN teria se perdido. "Agora estamos tentando recuperar as informações que estavam no computador", relata o professor Jorge Luiz, revelando que o incêndio foi provocado por um curto-circuito na deficiente rede elétrica do imóvel.

Há mais de 20 anos que o prédio não sofre qual-

quer reforma. As alterações feitas, como telhado de PVC na sala destinada a exposições, sofrem o desgaste natural e com a falta de manutenção. As telhas sofrem com o vento forte, e boa parte do telhado está desabando. Os danos na estrutura prejudicaram a gruta montada para que os visitantes conheçam a diversidade de uma caverna.

"A sala de exposição é o espaço destinado ao público. A caverna é um grande atrativo. As pessoas ficam admiradas, entusiasmadas com o que temos aqui", afirma o professor Jorge Luiz Lopes. Os fósseis achados num sítio arqueológico em Piranhas, no Sertão de Alagoas, como uma preguiça gigante e seu filhote, são outros dos atrativos do MHN. Há ainda os achados das escavações feitas em Olho D'Água do Casado, na mesma região.

O Museu reúne ainda os setores de herpetologia (anfíbios e répteis), ornitologia (aves), mastozoologia (mamíferos), malacologia (moluscos), botânica, entomologia (insetos) e taxidermia (proces-

so popularmente conhecido como empalhamento).

Parte do acervo pode ser vista nas raras exposições externas que a diretoria do MHN faz. "Muito do que temos não pode ser transportado, pois exige rigor e muito cuidado. O adequado é a exposição na própria sede do Museu", diz Jorge Luiz. **BO O**



Acervo do museu conta com fósseis e ossadas de grandes mamíferos